



EuroDefense  
Portugal

## Tertúlia EDJ #10

Março 2022

# Resposta da UE à Invasão da Ucrânia

Vitaliy Venislavskyy



REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
DEFESA NACIONAL

O projeto Tertúlias EDJ recebeu o patrocínio do  
Ministério da Defesa Nacional.



## Resposta da UE à Invasão da Ucrânia

### 1. Introdução

No dia 24 de fevereiro de 2022, as Forças Armadas Russas transpuseram a fronteira da Ucrânia e iniciaram uma invasão armada. O seu objetivo era o de tornar impossível a integração ucraniana na NATO, principalmente.

No dia 9 de março, a EuroDefense Jovem organizou uma Tertúlia, intitulada “Ucrânia, a resposta da UE”, contando com o Major-General do Exército Português, Carlos Branco, como orador, para dar a compreender de que forma reagiu o Ocidente a esta guerra e qual a melhor perspetiva para este conflito ser observado, em termos geopolíticos internacionais.

### 2. Contexto político de uma guerra que todos temiam

A 24 de fevereiro, tal como já foi afirmado anteriormente, “as Forças Armadas Russas entravam na Ucrânia, por ar, terra e mar, depois de ensaiada a justificação de provocações contra as regiões separatistas [de Donbass, por parte das Forças Ucranianas], convertidas em Estados que pediam intervenção militar.” (Marcelo Rebelo de Sousa, 2022).

Obviamente que as razões para este conflito começam no imediato pós-Guerra Fria e com o desmantelamento do Pacto de Varsóvia, cuja maioria de países aderiu, posteriormente à NATO. Ora, neste panorama, o fator central está na ideia de que o pressuposto fulcral para o desmantelamento do Pacto de Varsóvia e a reunificação da Alemanha nunca seria acompanhado pela expansão da NATO para leste. Porém, a NATO expandiu. E é importante referir que apesar desse pressuposto nunca ter sido dado por combinado entre os EUA e a Rússia, este se tornou no momento central da viragem russa, que de parceira da Aliança Atlântica, se tornou na sua principal desafiadora, a nível estratégico.

Outro ponto fulcral, é saber onde acaba essa expansão, sobretudo à importante posição estratégica da Ucrânia na história russa e na vontade da primeira em aderir à Organização de Defesa Comunitária e à União Europeia.

Obviamente, as sucessivas tentativas russas de juntar as antigas Repúblicas soviéticas e reinventar o “espaço e a preponderância perdidos” com a desintegração da União Soviética, levam a entender a posição russa face

à adesão compulsiva à NATO e explicam sucintamente as causas da Anexação à Crimeia (que de um ponto de vista estratégico, é um espaço vital para a defesa do *Heartland* russo) e a tentativa de anexar o espaço do Donbass, no Leste da Ucrânia (que serviria de linha de comunicação terrestre à Crimeia).

Em 2014, criou-se o pretexto para o início destas operações militares da Rússia, quando, resultando de uma revolução em Kiev, o governo pró-russo de Yanukovich é deposto e a Ucrânia decide a viragem total para a UE e para a NATO. Desta forma, desde 2015, a Rússia financia uma guerra civil no Leste da Ucrânia, criando um quadro de problemas internos que evitem a entrada da Ucrânia no quadro institucional Atlântico e Europeu.

No entanto, com a eleição de Volodymyr Zelenskiy, a Ucrânia teve um reforço na sua militarização e da cooperação global, onde se consumou uma derradeira aproximação à UE e à NATO, visando a entrada definitiva da Ucrânia. Obviamente que este desenvolvimento político na Ucrânia não passou ignorado pela Rússia e Moscovo iniciou uma pressão militar, com a mobilização militar nas fronteiras com a Ucrânia, criando pressão política sobre Zelenskiy, que este ia ignorando e continuava a sua política de rearmamento e aproximação com a UE e NATO.

No seguimento desta posição de Kiev, Moscovo foi aumentando a sua pressão sobre a Ucrânia, onde a possibilidade de guerra já se tornava numa realidade cada vez mais próxima e as tensões entre as duas partes chegaram ao pico aquando do discurso de Zelenskiy na Conferência de Munique, de que a Ucrânia ir-se-ia voltar para um programa nuclear interno, que visava a rejeição do Memorando de Budapeste, à luz do desrespeito deste, por parte dos que garantiram a defesa da integridade territorial da Ucrânia. Este discurso levou Putin a declarar o reconhecimento da independência das Repúblicas Populares de Donetsk e Lugansk, e dois dias depois, deu-se início da invasão russa, cujas Forças Armadas transpuseram a fronteira ucraniana nas regiões já ocupadas de Donbass, da Crimeia e pelo norte, através da Bielorrússia (Zelenskiy, 2022).

### 3. Contributo de Major-General Carlos Branco

No dia 9 de março, a EuroDefense Jovem organizou uma Tertúlia denominada “Ucrânia, a resposta da UE”, onde o Major-General Carlos Branco honrou os membros e os participantes da iniciativa com a sua visão sobre as consequências desta guerra nos assuntos de segurança e defesa na União Europeia.

#### 3.1. Colocação do plano de debate

Quando se analisa o conflito na Ucrânia, deve-se procurar a perceção vindoura da produção de vários documentos programáticos, por parte dos vários Estados e Atores, desta forma, focando na *Great Power Geopolitics*, onde se definem os Pivôs Geoestratégicos e os Atores Geoestratégicos, onde os segundos embatem-se entre si e os primeiros se tornam nos campos de batalha entre os Atores.

Ora, nesse caso, a Ucrânia não é mais do que um Pivô, na qual os Estados Unidos, enquanto Ator, se tornaram muito mais ativos na Ucrânia, a partir de 2004, e em 2008, define uma linha de adesão ucraniana e georgiana à NATO, no Summit da NATO em Bucareste, o que levou a Ucrânia a manter-se numa posição de “distinguished partnership”.

#### 3.2. Catalisadores do conflito

O ponto mais fulcral, enquanto catalisador do conflito, são os Acordos de Minsk, através dos quais, a Ucrânia deveria:

- reescrever a sua Constituição;
- dar um estatuto de autonomia às regiões de Donbass;
- transformar a Ucrânia numa federação, sem capacidade centralizada em matéria de Negócios Estrangeiros.

No entanto, em 2022, a Rússia apercebe-se que a Ucrânia poderá estar a preparar uma operação militar ofensiva, nas regiões de Leste, visando atacar a população russófona, o que levou Moscovo a tirar proveito de exercícios militares em grande escala para criar pressão sobre Washington e Bruxelas. E a viragem acontece quando Zelenskiy discursa na Conferência

Internacional de Segurança, de Munique.

### **3.3. O objetivo russo de renovar o *status quo* entre Moscovo e a Aliança Atlântica e o possível falhanço em segurar uma supremacia militar rápida**

Provavelmente, é muito cedo para analisar, em termos militares, se o avanço russo foi bem ou mal sucedido. Em primeiro lugar, nunca se ouviu nenhum comandante ou representante das Forças Armadas Russas vir a público dizer que a Ucrânia seria conquistada em poucos dias. É óbvio, para os russos, principalmente, que a Ucrânia, pela sua população e tamanho, não pode ser conquistada rapidamente, e seria um absurdo pensar/planejar isso.

Apesar de procurar objetivos políticos e diplomáticos geoestratégicos com esta guerra, a Rússia não procura um embate com algum país da NATO, porque sabe perfeitamente que uma invasão de um país da NATO, significa, para a Rússia, ter grandes problemas com os quais lidar. E, nesse sentido, a sua intervenção na Ucrânia prova exatamente esse argumento, a Rússia procura evitar a entrada da Ucrânia na NATO, por isso é que intervém antes da possibilidade desta se juntar à NATO.

Desta forma, entende-se o clima de medo que paira sobre os Países Bálticos e sobre a Polónia, no entanto, e porque estes últimos são membros da Aliança, esse mesmo medo pode ser um pouco irracional.

### **3.4. A anulação do estatuto de neutralidade da Suécia e da Finlândia e a possibilidade de entrarem na NATO, pode ser uma forma da Aliança se estar a reviver de um prolongado momento em “morte cerebral”?**

Quer a Suécia, quer a Finlândia, não fazem parte da NATO, porém ambas englobam a Parceria para a Paz, da NATO, através da qual estreitam a sua relação com a Aliança Atlântica.

Obviamente, ambos os países tentam manter a sua política de neutralidade, mantendo a sua longa tradição e a entrada na NATO não é equacionada (pelo menos não o é na presente conjuntura internacional).

Neste sentido, é preciso dar uma análise do papel dos meios de comunicação, que procuram explorar esse tópico, não entendo que ao invés de tomar uma posição tranquilizadora, que deveriam estar a fazer, transmitem alguma irracionalidade.

Por outro lado, no que toca à NATO, em termos institucionais, não pode ser discutida, só com base no seu posicionamento conjunto, somente nesta situação, e o desafio da modelação das futuras relações da UE com a China terão um impacto muito maior para a Aliança Atlântica.

### **3.5. A enorme ajuda europeia à Ucrânia, a maior incidência da NATO e a integração europeia em matéria de Segurança e Defesa.**

A incidência institucional da NATO vai depender muito do fim desta guerra. No entanto, já se pode falar da sua preponderância nas origens desta guerra, mais propriamente na força política e legal do artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte.

Sem dúvida que depois desta guerra, haverá uma nova arquitetura, onde a Europa não vai aumentar a sua autonomia defensiva face aos Estados Unidos, mas haverá um novo papel da Rússia e da Ucrânia nesta arquitetura.

Consequentemente, as ambições de autonomia em matéria de Segurança e Defesa europeia terão de diminuir, mas os gastos militares irão, sem dúvida, aumentar, e os recentes comentários do Chanceler Alemão já definiram o tom a essa tendência.

### **3.6. A possibilidade da dualidade no eixo franco-alemão.**

Este é um caso importante, no entanto, bastante incerto. Em primeiro lugar, é preciso ter a certeza de que a assertividade alemã, no que toca à sua posição internacional, é duradoura e Berlim irá mesmo assumir o protagonismo nesta matéria. Se tal se verificar, será muito difícil Paris se tornar simplesmente conformista com esta posição e neste ponto o desafio é o de observar a forma como essa coexistência se irá manifestar.

### 3.7. A “armadilha de Tucídides” e qual o seu impacto na aplicação da força militar russa na Ucrânia.

Apesar de ser um conceito de Geopolítica, a “armadilha de Tucídides” aplicada principalmente na relação conflituosa entre os EUA e a China, não pode ter essa aplicação na Guerra da Ucrânia, porque a Rússia, na visão de Moscovo, apenas reagiu. Por outras palavras, Moscovo sentiu-se pressionada e teve de reagir no momento. Se não fosse nesse momento, mais tarde a Ucrânia ir-se-ia rearmar e até poderia ter uma capacidade militar ainda mais forte.

### 3.8. Será a UE capaz de financiar a sua indústria de defesa e adquirir sistemas para uso comunitário?

Apesar de uma capacidade já existente, em termos financeiros, a União Europeia não será capaz de garantir a sua segurança de forma autónoma e a compra de equipamentos será feita no outro lado do Oceano, reforçando a dependência nas indústrias de defesa na União Europeia.

## 4. Bibliografia

Zelenskiy, V. (2022, 22 de fevereiro) *Zelensky's full speech at Munich Security Conference*. Kyiv Independent. <https://kyivindependent.com/national/zelenskys-full-speech-at-munich-security-conference/>

De Sousa, M. R. (2022, 30 de março) *Discurso de Tomada de Posse do XXIII Governo Constitucional*. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=-ZS5rmDquA>



Vídeo da Tertúlia EDJ #2 disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=yByoOj2hoSk&t=10s>





<https://eurodefense.pt/>



EuroDefense Jovem-Portugal



EuroDefense-Portugal



@eurodefensept



EuroDefense-Portugal



EuroDefense-Portugal



[eurodefense@defesa.pt](mailto:eurodefense@defesa.pt)



[eurodefense@defesa.pt](mailto:eurodefense@defesa.pt)

### Centro de Estudos de Segurança e Defesa Europeia

**EuroDefense-Portugal**

[eurodefense@defesa.pt](mailto:eurodefense@defesa.pt)

Palácio Bensaúde—Estrada da Luz, 151  
1600-153 Lisboa | Portugal

